



**3º
sebra
MUS**

MUSEU DA UFRGS: HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE UM MUSEU UNIVERSITÁRIO

Ligia Ketzer Fagundes*
Mário de Souza Chagas**

Resumo: Este trabalho tem como foco a trajetória de um museu universitário, Museu da UFRGS, refletindo sobre sua construção institucional, analisando as práticas museológicas desenvolvidas em sua historicidade, enfatizando suas características específicas, o papel ocupado e as relações desenvolvidas com a comunidade universitária em relação à construção de uma política de gestão de acervos e museus na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Palavras Chave: Museus universitários; História; Patrimônio.

Abstract: This work focuses on the trajectory of a university museum, Museum of UFRGS, reflecting on its institutional construction, analyzing the museological practices developed in its historicity, emphasizing its specific characteristics, the role occupied and the relations developed with the university community in relation to Construction of a collection and museum management policy at the Federal University of Rio Grande do Sul.

Key-words: University Museums; History; Patrimony.

Em torno dos Museus Universitários

Este trabalho pretende investigar um museu universitário, Museu da UFRGS, refletindo sobre sua construção institucional, analisando suas práticas museológicas em sua historicidade, enfatizando suas características específicas, o papel ocupado e as relações com a comunidade universitária no sentido de construção de uma política de gestão de acervos e museus na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os museus universitários são museus presentes e atuantes em muitas universidades, com tamanhos, acervos e trabalhos variados. Este trabalho pretende analisar a história, a biografia deste museu universitário, buscando as intenções, escolhas, caminhos e grupos sociais diretamente envolvidos em sua constituição nos anos 1980, inicialmente sem acervo e espaço expositivo próprio, centralizado junto a administração central.

Entendemos que a investigação científica das instituições museológicas, de sua origem, elaboração de missão e objetivos, formação e constituição de acervos, processos de escolhas de exposições, e, no caso dos museus universitários, sua relação com a comunidade universitária e sua inserção dentro da mesma, constituem-se em importantes objetos de estudo e reflexão. Abordar os Museus, suas práticas e competências como objeto central de estudos pode intensificar e potencializar o papel e o lugar ocupado por eles na sociedade, assim como aprofundar e contribuir para estudos no campo dos museus, da museologia, do patrimônio cultural, da história, da memória, da educação entre outros. Contribuem também para explicitar para o público as escolhas feitas pelos museus no presente, estabelecendo com os mesmos diálogos e conexões. De acordo com Ramos “Além de expor o resultado de pesquisas sobre a história que há nos objetos, o museu deve se expor ao conhecimento histórico, tornando-se tema de estudo e perdendo ares de sacralidade.” (RAMOS, 2004:48)

De acordo com Chagas podemos “(...) considerar o museu como ponte entre tempos, espaços, indivíduos, grupos sociais e culturas diferentes” (CHAGAS, 2005:18). Mas, o autor nos adverte que devemos ultrapassar o encantamento que os museus nos provocam e entendê-los como espaços de poder em constante conflito. “Assim os museus são a um só tempo: lugares de memória e de poder. Esses dois conceitos estão permanentemente articulados em toda e qualquer instituição museológica”. (CHAGAS, 2006:31)

Em nosso entendimento os museus são fenômenos sociais que devem estar envolvidos com o humano em todas as suas dimensões, podendo ser ferramentas para a inclusão, para a formação de uma sociedade justa e igualitária. Nem todos os museus buscam os mesmos caminhos e o reconhecimento dos mesmos como espaços de poder e conflito potencializa suas possibilidades.

Em nosso caso, os museus universitários, componentes das estruturas das universidades, trazem para a discussão o compromisso das mesmas com o processo de transformação da sociedade. E aqui vamos tratar de um museu universitário de uma universidade federal pública que, como tal, tem responsabilidade de participar ativamente no processo de desenvolvimento social, buscando a livre expressão e construção de conhecimentos e saberes, o reconhecimento da diversidade cultural, e o exercício de ferramentas de igualdade, democracia e ética.

Os museus universitários são muitos e variados em sua origem, relações com suas universidades e tipologias de acervos. Diversidade que, de acordo com Cristina Bruno (1997), abrange desde temáticas diferentes, muitas específicas dentro de algumas áreas da ciência ou específicas quanto a aspectos regionais do conhecimento a, principalmente, estruturas de organização diversas. Em comum, tem a configuração institucional de estarem abrigados e responderem a gestão de instituições de ensino superior - universidades. São encontrados nas universidades federais, estaduais e particulares, grandes e pequenos, localizados junto aos campi universitários ou descolados dos mesmos envolvidos nas cidades. Sua diversidade temática também é muito ampla, existindo museus universitários em todas as áreas de conhecimento. No geral, aparecem dividindo ou disputando seus espaços com salas de aula, laboratórios de pesquisa, espaços burocráticos, bibliotecas, apresentando uma estrutura física adaptada ou totalmente inadequada para as atividades desenvolvidas. Uma grande parcela ainda está desconhecida dentro das instituições que os abrigam. Suas coleções, organização, funcionamento, mesmo que precário são resultado da iniciativa pessoal e trabalho abnegado de professores, técnicos e alunos, resultando em uma fragilidade institucional.

Segundo Hernandez (1994) os museus universitários têm algumas especificidades em relação aos outros museus quanto as motivações para sua criação que, em sua maioria, remetem ao fomento à pesquisa, o estudo e aprendizagem entre professores, alunos e técnicos. Em

decorrência, apesar de se autodeclararem como museus, muitos estão distantes das características necessárias para tal. Destaca-se também a falta ou a descontinuidade de recursos técnicos, de infraestrutura e financeiros que permitam um trabalho contínuo e seguro por parte destes museus. A terceira característica, esta não exclusividade dos museus universitários, é que a maior parte deles foi constituída por doações de particulares, muitas vezes acrescidos de coletas de campo por parte de pesquisadores.

De acordo com Gil (2005) “os museus universitários têm características específicas que fazem com que atravessem transversalmente a tipologia museológica” (GIL, 2005:45). No caso, o autor está se referindo a origem das coleções e bem como seu uso após a musealização. Ribeiro (2013) aborda que as coleções constituídas no âmbito universitário têm características diferentes das coleções de museus fora das universidades, diferenças quanto a classificação das peças, uso dos acervos e sistemas de documentação. Ainda segundo a autora, o sistema de valores, modos de vida e função social das universidades e, conseqüentemente do seu patrimônio e dos seus museus é, portanto, um dos principais elementos que constituem o acervo dos museus universitários. Este patrimônio imaterial explica características e questões comuns dos museus universitários e que independem de suas coleções e tipologias.

Os museus universitários, de acordo com Adriana Mortara de Almeida (2001), para além das funções de um museu (de acordo com o ICOM), devem estar comprometidos com o tripé formado por pesquisa, ensino e extensão.

Maria das Graças Ribeiro (2007) aborda os museus universitários dentro de um contexto transmuseal, com produção de conhecimento, formação profissional, exercício da interdisciplinaridade e atuação significativa em programas de extensão que possibilitam a inclusão social.

Maria Celia Santos (2006) destaca a importância de uma política nas universidades que englobe e envolva os museus universitários, definindo sua atuação e inserindo-os dentro de um planejamento estratégico nas instituições.

Para além das atribuições comuns a todos os museus, os museus universitários devem atender a demandas específicas dos órgãos universitários, ligadas a atividades de pesquisa, ensino e extensão, tripé indissociável contemplado nos estatutos das universidades. Nesse



3º Sebra MUS

sentido os museus universitários realizam e propiciam pesquisas acadêmicas, são espaços de ensino de disciplinas, cursos e estágios acadêmicos, participam e atuam em diversos projetos de extensão e devem desenvolver projetos educativos abrangentes voltados ao público externo, não vinculado diretamente as universidades. Por seu lado, as universidades, em sua maioria, não possuem políticas específicas de gestão de seus espaços museológicos e coleções universitárias, na medida em que os mesmos não constituem suas atividades fins, situação que gera problemas ao deixar os museus e coleções desprotegidos de salvaguardas institucionais.

Sobre o Museu da UFRGS

Nesta perspectiva vamos buscar os elementos, intenções e projetos que levaram a criação de um Museu Universitário na Universidade Federal do Rio Grande do Sul nos anos 80 do século XX. Museu centralizado, sem coleção própria que o definisse e justificasse e que, no nosso entendimento foi uma estratégia de ação para o patrimônio da universidade. O passar do tempo, as mudanças administrativas das diferentes gestões universitárias, os diversos projetos em que o Museu foi protagonista, com ou sem sucesso, ainda mantiveram algumas das características iniciais. De um museu sem acervo próprio e sem espaço expositivo de 1984, chegamos a 2017 com um Museu com acervo e prédio próprio e articulador e coordenador da Remam – Rede de Museus e Acervos da UFRGS.

Mas vejamos um pouco como e porque nasceu o Museu da UFRGS, inicialmente denominado Museu Universitário. Entre 1984 e 1988, assume a Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul o Prof. Francisco Ferraz com a proposta de revitalização da Universidade. Cientista Político, com formação no exterior, havia atuado com Pró-Reitor de Planejamento na gestão anterior. Tinha como proposta central de sua gestão a modernização da universidade e seu projeto principal seria a criação de um Centro Cultural.

O Centro Cultural era um projeto dirigido diretamente pelo Reitor,¹ resultante de um diagnóstico sobre o espaço físico da Universidade, o espaço que seus prédios históricos

¹ Segundo o ex-reitor Francisco Ferraz, em entrevista no ano de 2013, a ideia do centro cultural sofreu forte reação por parte da comunidade acadêmica e ele levou adiante quase como um projeto pessoal, junto com uma pequena equipe de assessores. <https://cidadaniaearte.wordpress.com/2014/11/12/entrevista-o-centro-cultural-campus-central/>. Acesso em março de 2015.

ocupavam no contexto da cidade e a função cultural que a universidade poderia ocupar junto a cidade e o estado. O Centro Cultural consistia, resumidamente, em recuperar os prédios históricos, recuperar seus entornos com ajardinamentos e espaços de convívio e destiná-los a atividades diversas relativas a um centro cultural. Dentre as atividades estava a criação de vários museus. Ainda, de acordo com o Reitor, ao contrário de outras grandes cidades do mundo, Porto Alegre não possuía equipamentos culturais suficientes e “(...)nem instituições com acervos bem cuidados, recolhidos a dezenas ou centenas de anos, todos beneficiados pela prática já longeva do mecenato.” (FERRAZ, 2004: 110). Seguindo, argumenta que em outros países o ensino dos jovens é suplementado pela visita a instituições culturais e cita como exemplos La Villette, Beaubourg, Invalides, Musée de L’homme, Musée D’histoire Naturel, British Museum, Museum of Natural History, Smithsonian, National Gallery, segundo ele referencias internacionais de cultura. Continuando, fala da importância dos acervos universitários e destaca a universidade como instituição que forma acervos e coleções para fins científicos e culturais. Cita os acervos de paleontologia, mineralogia, botânica, zoologia, máquinas e equipamentos, mobiliário, livros, pinacoteca, manuscritos, fotografias enfatizando que a universidade possuía “autoridade científica e cultural” para conseguir expor acervos próprios e acervos que não lhe pertenciam, o que já demonstra o interesse por exposições e intercâmbios e finaliza falando da criação do Museu Universitário.

Esse o germen da ideia do Museu Universitário e das exposições dos nossos acervos, montadas, dirigidas e apresentadas pelos nossos professores e alunos das respectivas áreas. Não tínhamos ainda um espaço exclusivo onde instalá-las de maneira definitiva. Mas podíamos fazer exposições sucessivas, abrindo-as para as crianças e jovens de nossas escolas e para os nossos próprios alunos. (FERRAZ 2004:110)

Para melhor operacionalizar o Projeto central do Centro Cultural, o Reitor Francisco Ferraz cria os Projetos Especiais. De acordo com o Reitor eram estruturas com formato horizontal, menos burocráticas, que as Pró Reitorias, ligadas diretamente ao Gabinete do Reitor e com possibilidades de buscar recursos – humanos e materiais nos departamentos, institutos e Pró-Reitorias. Os projetos especiais tinham como atribuição projetos que as Pró-Reitorias não teriam condições de realizar. Dentre os Projetos Especiais estava o Museu Universitário.



3º Sebra MUS

No discurso de posse, como coordenadora do Projeto Especial de Implantação e organização do Museu Universitário a Professora da Faculdade de Arquitetura, Maria Helena Bered fala do desafio que só será possível através de um trabalho de equipe, capaz de “alicerçar sólidos sustentáculos, base indispensável para caracterizar a expressão viva da história desta universidade”. De acordo com ela,

a implantação de um museu universitário se impõe, à medida que se visa criar um espaço cultural onde, preservada a memória desta Instituição, através de uma apresentação condigna de seu acervo, símbolo da autenticidade e evolução das diferentes áreas, se possibilite vivenciar de forma atual, viva e polivalente, o progresso das técnicas e a evolução das ideias nas áreas: Tecnológica, Científica, Humanística e Artística. (BERED, 1984:3) ²

Aqui percebemos claramente a criação de um Museu como um agente legitimador da memória, para enaltecimento de uma instituição, no caso, de uma universidade, e da importância dos acervos também como legitimadores da autoridade científica e exemplificariam para a sociedade em geral a “evolução” que o conhecimento acadêmico é capaz de proporcionar para a sociedade.

Seguindo no discurso, a Prof.^a Maria Helena Bered fala em propiciar para a comunidade a intimidade com os resultados da pesquisa e do avanço tecnológico, através de “novas formas diversificadas de educação, revestidas de caráter dinâmico” com experiências “vivas e Criativas”. Continuando no documento, a criação e desenvolvimento do Museu Universitário tem os seguintes objetivos:

- Incentivar a inovação, a criatividade e o espírito inventivo, através de uma abordagem científica, visando o desenvolvimento crítico;
- Propiciar uma melhor compreensão do processo de formação histórica da universidade, para melhor gera-la no futuro;
- Aprimorar a imagem que a comunidade tem da Universidade;
- Estimular as vocações tecnológicas, científicas, humanísticas e artísticas;
- Possibilitar a integração entre os níveis de ensino de 1º, 2º e 3º graus;
- Promover a integração entre a universidade e comunidade através de atividades de formação de caráter permanente ou temporário;

² BERED, Maria Helena. Discurso de Posse como coordenadora do Projeto Especial Implantação Museu Universitário. 29/agosto/1984. Museu da UFRGS – Arquivo Caixa 01.

Divulgar, informar e documentar todo o acervo universitário e os eventos a serem realizados;
Estimular trabalhos de pesquisa e intercâmbio a nível local, nacional e internacional. (BERED, 1984:7).

A diretora segue falando no museu como organismo vivo, dinâmico e polivalente. A sustentação do projeto exigiria estrutura de suporte, com flexibilidade e, para tal, foram estabelecidas metas de curto, médio e longo prazo.

A curto prazo, realizar uma exposição, junto com a Comissão de História comemorativa aos 50 anos da UFRGS com recursos audiovisuais e utilização do acervo da universidade. Esta foi a exposição de inauguração do Museu Universitário e do Centro Cultural inaugurada em 26 de novembro de 1984, data de comemoração do aniversário da UFRGS.

A Médio e longo prazo tinha como objetivos trabalhar junto com os setores da universidade criando as condições de instalação e conservação dos elementos que compõe seu acervo: equipamentos, mobiliário, documentos, obras de arte e outros. Para alcançar este objetivo o recém implantado Museu Universitário envia para todas as unidades acadêmicas, laboratórios e museus existentes tabelas e questionários relativos a tipologia, descrição e quantificação de acervos variados. A documentação histórica do museu não possui nenhum retorno das tabelas e questionários, entretanto, observamos que em 1989, por ocasião da proposta de um projeto para os Museus da UFRGS, o museu possui muitas informações detalhadas sobre acervos, história das unidades e quantificação de peças. O que nos leva a pensar que algum retorno foi dado ao Museu por ocasião deste levantamento de acervos.

Ainda junto das metas, fala-se em elaborar exposições e mostras com caráter constante, privilegiando linguagem dinâmica e trazendo em paralelo cursos, seminários, estágios, ciclo de palestras, encontros, debates. O discurso da diretora finaliza falando em dar ao Museu um caráter de centro de cultural.

Aqui destacamos que a investiga nos aponta que o museu foi criado como um braço operacional do Projeto do Centro Cultural. Localizado no prédio da Reitoria, em uma sala no segundo andar, junto da administração central e totalmente centralizado em relação ao restante dos prédios e espaços que comporiam e constituiriam o centro cultural. O Museu permanece no local até 2002, quando recebe um prédio próprio. Não possuía espaço expositivo, utilizando

para tal o salão de Festas da Reitoria e a Sala Fahrion³ que até 1988 aparece referida nos relatórios do Museu com espaço Museu Universitário. A partir de 1989 passa a ser chamada de Sala Fahrion novamente.

Outra questão que podemos destacar em relação ao Museu é a relativa ao nome. Muitos museus universitários têm nome vinculado a sua tipologia de acervo, vinculado a sua área de conhecimento ou no nome prestam homenagem a alguma personalidade importante para sua história. Museus universitários de arqueologia e etnologia, museus universitários de arte, museus universitários de ciências, museus universitários de mineralogia, etc. O Museu denominava-se Museu Universitário, denominação que muda para Museu da UFRGS no ano 2002 quando das festividades para ocupação de um prédio próprio. Continua mantendo no nome a mesma ideia: é um museu de toda a universidade, não pertence a nenhum curso,

departamento ou instituto e não é definido e ou identificado por nenhum acervo. Até hoje manteve a centralidade na questão de exposições e eventos de caráter cultural. O final da gestão do Reitor Francisco Ferraz, com os problemas de vinculação do Centro Cultural com a personalidade do reitor, em 1988 aliados a falta de financiamento federal modifica o Projeto na gestão seguinte. Outro grande entrave para o Projeto do Centro Cultural foi a necessidade de tombamento dos prédios históricos do Campus Central, sua desocupação pelos cursos (principalmente a Engenharia e a Medicina) e a concomitante construção dos novos prédios no Campus do Vale e no Campus Saúde para onde os cursos seriam transferidos. A carência de recursos compromete as obras que seriam realizadas com recursos da universidade e, ao mesmo tempo, a universidade continua crescendo e com exigências de recursos e espaços cada vez maior.

Em 1988 assume a Reitoria o Prof. Gerhard Jacob, vice-reitor na gestão anterior que fica apenas dois anos como reitor, convidado a assumir a direção CNPq. O cargo de reitor é assumido pelo seu vice e a gestão se caracteriza por muita polêmica e resistências por parte da comunidade acadêmica. A troca de comando significa uma continuidade do grupo que está no poder e de seus projetos, passando os mesmos apenas por reacomodações administrativas. Os

³ O Salão de Festas e a sala Fahrion são espaços nobres da universidade para eventos em geral. O museu precisava dividir a agenda dos mesmos com a administração central.

projetos especiais continuam existindo, mas pouco a pouco vão passando para a Pró-reitoria de Extensão. A Prof.^a Sandra Jatahy Pesavento foi convidada a coordenar o Projeto Especial de Recuperação do Acervo que logo amplia sua atuação em parceria sempre muito próximo do Museu Universitário.

No início do ano de 1989, coordenados pelo Museu Universitário e pelo Projeto Recuperação do Acervo é montado na UFRGS um grupo de Trabalho para Implantação dos Museus da Universidade. O Projeto final é encaminhado ao Conselho Universitário e ao Reitor em agosto de 1989 e, após sua aprovação é enviado ao CNPq, que aprova o mérito, mas nega o financiamento na medida em que envolveria obras físicas. O CNPq se compromete com verbas para ampliação dos acervos, após a instalação dos museus. Mais uma vez, a equação de necessidade de verbas para obras nos prédios históricos, desocupação dos mesmos, verbas para ampliação do Campus do Vale e a transferência dos cursos foi um grande entrave.

O Projeto de Implantação dos Museus é uma retomada do anterior projeto de Centro Cultural da gestão Ferraz, agora incorporando claramente a questão dos Museus e acervos, e transformando a proposta de Museu Histórico em Museu de Memória Social. A justificativa para um museu de Memória Social e não mais um Museu de História da universidade, conforme o Projeto anterior fica a cargo da Prof.^a Sandra Pesavento e do Projeto Recuperação do Acervo por ela coordenado.⁴ O conceito era preservar a memória social com a criação de um centro de documentação centralizado que preservasse os documentos impressos (acervo que já existia da Comissão de História) e a incorporação de outra documentação como fontes orais e fotográficas no sentido de buscar a incorporação de novos temas e preocupações que resgatariam fontes até então desconsideradas pela história.

O referido Projeto destacava que o restauro dos prédios históricos e sua transformação em Museus e Parque da Ciência Criação dotaria a UFRGS de museus em áreas específicas, com características modernas e inspiradas em experiências consagradas nos EUA e Europa, fugindo do “(...) estereótipo via de regra aceito para as instituições deste gênero e que, lamentavelmente

⁴ O Projeto Especial Recuperação do Acervo é um dos Projetos Especiais de 1984. Tem por objetivo gerenciar o acervo Histórico da UFRGS e incorpora a Comissão de História, criada em 1977 como embrião de um museu histórico. Sob coordenação da Prof. Sandra Pesavento o Projeto Especial Recuperação do Acervo se transforma em Núcleo de Documentação e Memória Social. Em 1993 é dissolvido administrativamente e o acervo e funcionários são incorporados ao Museu Universitário.

ainda predominam no país.” Segue falando em fugir da concepção de Museu como depósito de coisas velhas e como galeria de objetos apresentados de forma estanque. A concepção teórica aqui era no sentido de redimensionar a dimensão temporal associando a sucessão cronológica os conceitos de processo e espaço e, a partir deles, estabelecer as relações possíveis. Identificamos no discurso os conceitos da história e memória social e a preocupação com uma nova forma de museus, dinâmicos, vivos, onde a pesquisa científica, as perspectivas didáticas e lúdicas estabelecessem um diálogo e levassem o conhecimento acadêmico para o público.

O documento segue ressaltando que a UFRGS já possui um museu assim, o Museu Universitário. Falava de sua história, objetivos e destacava as principais exposições realizadas entre 1984/1989 e das suas atividades educativas, mostrando aqui, mais uma vez, a centralidade e o papel de articulador do mesmo. Aqui percebemos um alinhamento com as questões do cenário museológico internacional e nacional. A UFRGS seria dotada de um moderno Centro de Ciências, baseado em experiências internacionais e nacionais, como as recém-criadas Estação Ciência em São Paulo e o recente MAST, no Rio de Janeiro.

A etapa inicial do Projeto previa a criação do Museu de Ciência e Tecnologia e do Museu de Memória Social.

A proposta é que, a partir daquela concepção mais ampla de MUSEU anteriormente exposta, as duas entidades interajam de maneira dinâmica e criativa, proporcionando experiências e fornecendo informações, através de atividades temporárias e permanentes. (Projeto de Implantação dos Museus da UFRGS. 1989)

Destaca-se no Projeto a intenção de exposições temporárias, aqui no sentido de dinamizar os assuntos e diferenciar dos museus tradicionais, aproximando o conceito de um Centro de Ciências – vivo, dinâmico, baseado em experimentações e interatividade e não mais no estudo observação/contemplação desenvolvido nos museus tradicionais.

Ressaltava ainda que, de acordo com as demandas, outros museus poderiam ser criados. Segundo o documento, é o presente e suas necessidades que orientarão os elementos do passado que será resgatado e tematizado cabendo aos Museus “(...) lidar com a interdisciplinaridade de eventos, abrangendo todas as áreas onde se manifesta o desenvolvimento científico e

tecnológico do estado, possibilitando uma visão do atual estágio em que se encontra o Rio Grande”. (Projeto de Implantação dos Museus da UFRGS. 1989)

Os acervos de Paleontologia, Física e do Museu de Mineralogia estavam todos descritos, assim como a história dos cursos. Em relação ao Parque da Ciência, os equipamentos que seriam construídos já estavam definidos e suas justificativas detalhadas. Uma das questões que aqui se colocam é do papel do Museu Universitário após a instalação do Projeto dos Museus da UFRGS. Parece-nos que o Museu Universitário seria o articulador e gerenciador dos Museus da área de Ciência e Tecnologia, bem como do Parque da Ciência.

Quanto ao Projeto Especial Recuperação do Acervo, coordenado pela historiadora Sandra Pesavento, seria transformado no final do ano de 1989 em Núcleo de Documentação e Memória Social, e constituiria o Museu de Memória Social composto pelo acervo existente de História da UFRGS, de Porto Alegre e do RS integraria o Museu. As exposições temporárias produzidas pelo Museu de Ciência e Tecnologia também integrariam o acervo do Museu de Memória Social após sua apresentação, o que mostra uma forte ideia de retroalimentação e trabalho integrado entre os museus. O acervo seria integrado ainda por doações de conjuntos documentais relativos à Memória Social da Universidade e da cidade de Porto Alegre e por um banco de dados relativos a coleções e conjuntos documentais existentes em outros locais do RGS.

O projeto justificava a necessidade de dar nova dimensão aos recursos materiais e humanos já existentes na universidade, iniciando a descrição dos mesmos recursos pelo Museu Universitário, destacando seu papel de articulador e o levantamento e descrição de acervos feito pelo mesmo, do conjunto dos prédios históricos do Campus Central que deveriam ter uma utilização cultural para a universidade e comunidade e apontava ainda a presença de um corpo técnico e acadêmico especializado. Como objetivos gerais colocava a necessidade de implantar, de forma permanente, com os Museus da Universidade, um centro de divulgação do conhecimento científico produzido no âmbito acadêmico. Destacava que Museus oportunizarão experiências vivas de conhecimento a estudantes e ao público em geral com suas atividades temporárias, divulgação e ampliação dos seus acervos, criando um “centro dinâmico e um laboratório vivo da socialização do conhecimento científico”.

Destacamos aqui que os dois Projetos analisados em que o Museu Universitário teve papel central, o Centro Cultural e o seguinte Projeto de Implantação de Museus, colocavam como ponto central a Recuperação do Patrimônio cultural e material edificado – conjunto dos prédios históricos e sua transformação em espaços museológicos e culturais. As dificuldades desses empreendimentos sempre foram grandes. Envolviam financiamentos e recursos externos para restauro e recuperação de patrimônio histórico edificado; recursos internos e externos para edificação de prédios que substituíssem as funções de aulas e laboratórios ainda desenvolvidas nos prédios históricos e que, ao mesmo tempo, atendessem as demandas de crescimento das universidades federais no Brasil. Para além destas questões, encontramos demandas internas de negociação política dentro da universidade no sentido de que os cursos desocupassem seus antigos prédios (que faziam parte importante de sua história) para que os mesmos fossem ressignificados como espaços de memória e de conhecimento para toda a sociedade. Os desafios eram grandes e não foram superados, ficando o Projeto de Implantação de Museus da UFRGS desconhecido da comunidade acadêmica e abandonado pelas administrações seguintes.

Entre 1992 e 1996 assume a reitoria o Prof. Hélgio Trindade. Cientista político tem uma proposta de “universidade por inteiro” e assume com um grupo preocupado em modernizar e ampliar o papel da universidade frente a comunidade. Neste período são criadas várias instâncias importantes de discussão acadêmica e ocorre uma ampliação da ideia de extensão destacando-se os projetos de atuação junto com as comunidades. No entanto, o Núcleo de Documentação e Memória Social e o Museu Universitário passam por questionamentos em relação ao seu papel frente a universidade, finalizando com a extinção do referido Núcleo e com a incorporação do acervo e funcionários do Núcleo ao Museu Universitário. Em 1994 o Museu Universitário adquire um novo perfil, incorpora um acervo e o trabalho de suporte de ações documentais em que o Núcleo de Documentação e Memória Social era referência como veículo de divulgação e informação de sua produção de pesquisa no âmbito da memória da cidade de Porto Alegre, território cuja história é atravessada pela fundação da UFRGS. Por outro lado, fica com a incumbência de atender prioritariamente as demandas internas do público universitário em relação a eventos e exposições. O trabalho suporte de ações documentais e museológicas aos diversos núcleos de pesquisa e museus setoriais da UFRGS, que já vinha

sendo realizado, aparece agora como diretriz de trabalho do Museu Universitário que assumiu um papel de espaço cultural responsável pela memória e priorizando as atividades da instituição, atendendo também as demandas de eventos culturais da universidade. A direção do Museu Universitário fica a cargo da Prof.^a Luiza Klieman, vinculada ao Depto de História da UFRGS e com forte atuação em arquivos de pesquisa e Museus em Porto Alegre. Segundo relatório de 1995, a equipe após discutir as prioridades e finalidades do Museu, apresentou como proposta, trabalhar com a História e memória social da UFRGS, interligada com a memória da cidade e do estado.

Em relação ao trabalho de suporte e assessoria aos outros Museus e Núcleos de Documentação, o documento destaca a criação de um Sistema Integrado de Museus da UFRGS. Aqui devemos ressaltar que o Rio Grande do Sul já possuía um organizado e combativo Sistema Estadual de Museus, em atuação desde 1990, mas criado oficialmente em 21/01/1991, pelo decreto estadual n. 33.791. O Museu Universitário passa a frequentar as reuniões da 1ª Região de Museus, localizada em Porto Alegre e dessa organização museológica parece vir a ideia de Sistema Integrado de Museus da UFRGS, que passa a ser uma das metas do Museu.

A partir de 1996, na gestão da então Reitora Wrana Panizzi (1996 – 2004), a questão dos prédios Históricos da UFRGS é retomada, através do Programa Resgate do Patrimônio Histórico. O Programa foi aprovado pelo PRONAC – Programa Nacional de Apoio à Cultura, contando com financiamento baseado nas leis de incentivo fiscal com doações de recursos por pessoas físicas e jurídicas.

Em 1997, o Museu Universitário agora tendo como diretor o Professor Francisco Marshall do departamento de História, novamente tem o protagonismo frente a questão da Memória, do Patrimônio Cultural universitário e da organização dos espaços de memória da UFRGS através do Projeto de implantação do Centro de Memória e Documentação da UFRGS – CEMEDOC. Elaborado em conjunto com grupo de estudos do Departamento de História da UFRGS e professores do curso de arquivologia que ainda estava em fase de implantação, da Faculdade de Ciências da Informação.

Através de projetos de pesquisa financiados pela FAPERGS – Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Sul, o projeto foi responsável pelo levantamento preliminar da

documentação de caráter histórico em situação de risco existente na universidade. Destacava a importância do trabalho desenvolvido até então pelo Museu Universitário e pela Biblioteca Central e alertava para a inexistência de uma política de preservação da memória institucional. Segundo o Projeto os recursos desses dois setores eram limitados frente ao montante da documentação em situação de risco pela precariedade de seu armazenamento ou por estar em mãos de particulares.

Sobre a Memória, o projeto retomava e ampliava a discussão da memória social, enfatizando que o trabalho seria com um horizonte de heterogeneidade documental e citava como fundos documentais que seriam recuperados e produzidos coleções fotográficas, correspondências administrativas ou oficiais, projetos e publicações de origens diversas. Destacava a necessidade de registrar as memórias dos indivíduos e grupos que fizeram a história da instituição. Aqui o projeto destaca a necessidade de um espaço de coleta e disponibilização de depoimentos, com recursos adequados de áudio e vídeo e citava como exemplo de trabalho o Museu da Pessoa, destacando o formato como um recurso com um potencial ainda de todo não explorado.

O CEMEDOC ficaria localizado no prédio da Engenharia conhecido como Parobé, integrante do conjunto dos prédios históricos e que no Projeto de Implantação de Museus estava destinado a Biblioteca Central. Mais uma vez, com coordenação e protagonismo do Museu se elabora um projeto visando recuperar e disponibilizar para o público em geral, a memória e a produção científica da universidade retomando a questão da disponibilização dos prédios históricos. Como metodologia salientava a iniciativa como inter e multidisciplinar, delimitando as áreas da história e da museologia como curadoria, a biblioteconomia no registro e tombamento, a arquivologia para o arquivamento e a informática para as necessárias digitalizações e sistemas necessários. Propunha que a UFRGS implementasse a criação de um Sistema de Arquivo e o CEMEDOC teria as atribuições de definição da política documental da universidade. Indicava como fontes de financiamento as políticas em implementação na época pela UNESCO e pelo ICOM. A desocupação do prédio pela faculdade de Engenharia encontra uma série de resistências por parte da Escola e mais uma vez questões de direcionamento de poder impedem o avanço do projeto e inviabilizam o projeto do CEMEDOC. Mas um dos

prédios priorizados na primeira parte da campanha de Recuperação dos prédios históricos é do “Curtume e Tanantes”⁵, localizado no Campus Central. O prédio estava abandonado e interditado desde 1996 e, após o restauro e adaptação foi designado para ser a sede do Museu Universitário.

Em agosto de 2002 três prédios históricos são reinaugurados e entregues para a comunidade universitária e sociedade em geral em um grande evento amplamente noticiado na mídia. A Rádio da Universidade, o Observatório Astronômico e um novo Museu para a comunidade gaúcha, agora renomeado de Museu da UFRGS. A solenidade contou com a presença de autoridades federais, estaduais e municipais, além da presença da comunidade universitária e de Porto Alegre. Simbolizando a importância da relação da universidade com a cidade, a solenidade aconteceu na frente do Museu, destacando a importância deste para a universidade que o oferecia a comunidade como um todo. Simbolicamente as portas do Museu foram abertas por todas as autoridades presentes e o Museu da UFRGS foi oferecido oficialmente como um equipamento cultural novo, ressignificado para a sociedade.

O Museu da UFRGS abre suas portas em novo prédio com a mesma proposta de trabalhar com a Memória social da UFRGS e a exposição elaborada pela equipe é com o acervo Histórico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes. O acervo é documentado, são restauradas as obras que precisavam de cuidados e é providenciado o seguro das obras mais significativas da Pinacoteca. Um catálogo é elaborado e lançado com toda a documentação.

Em relação as exposições, o Museu da UFRGS nunca contou com uma exposição de longa duração de seu acervo. Desde sua origem já realizou aproximadamente 154 exposições (levantamento de dados de agosto de 1984 a março 2017), que abordaram diversas temáticas e articularam acervos oriundos de coleções de unidades acadêmicas, institutos, núcleos de pesquisa, laboratórios de ensino, bibliotecas, herbário e demais museus universitários da UFRGS. Destacamos que, ao integrarem uma exposição em um Museu centralizado, com projeto educativo amplo, os acervos são ressignificados, articulados e ampliados em suas possibilidades de pesquisa, ensino e extensão, e estabelecem relações com a comunidade interna

⁵ Prédio em construído em 1910/1914 para ser o Laboratório de Resistencia de Materiais da Escola de Engenharia. Ocupado desde 1980 pela Engenharia Química com o laboratório de couros, conhecido como Curtume e Tanantes.

e externa a universidade, que passa a buscar e solicitar informações, demandas e visitas a seus museus e coleções.

Os projetos para as exposições são construídos em parceria e diálogo entre a equipe de pesquisadores/curadores e a equipe do Museu, resultando assim em exposições elaboradas e realizadas dentro da universidade, envolvendo diversas áreas acadêmicas, utilizando os seus recursos intelectuais, materiais e profissionais/técnicos disponíveis na UFRGS. A equipe do Museu sempre integra a curadoria no sentido de construir exposições e projetos educativos de caráter interdisciplinar e intercultural onde diferentes áreas do conhecimento possam compor uma narrativa museológica acessível a variados públicos, visando difusão do conhecimento científico, o acesso, conhecimento e proteção do patrimônio cultural, a educação continuada, a inclusão social, a construção da cidadania e o lazer.

Destacamos o protagonismo do Museu da UFRGS nas diversas ações de articulação, gestão e preservação de acervos, memória e patrimônio cultural da universidade. Os acervos ressignificados e articulados nas exposições e projetos educativos possibilitaram a organização, a reorganização e o estabelecimento de novas perspectivas museológicas para os outros museus e acervos da UFRGS. Ao estabelecer diálogos, projetos e conexões entre os espaços de memória, o Museu da UFRGS torna-se o articulador da REMAM – Rede de Museus e Acervos da UFRGS, oficialmente criada e institucionalizada em 2011.

Sobre a REMAM – Rede de Museus e Acervos da UFRGS

Definida como uma reunião articulada entre os espaços coletivos de memória que abriguem bens culturais tangíveis e intangíveis, numa relação de cooperação e solidariedade, a REMAM tem por finalidade a consolidação de uma política de gestão de acervos científicos culturais e a integração dos espaços de memória da UFRGS como forma de potencializar a valorização desse patrimônio. Sem deixar de lado a formalização e a institucionalização necessárias para nossos atingirmos os objetivos, o caráter pretendido para esta forma de organização é o da democratização, cooperação e horizontalidade entre os membros. Nesse sentido é voluntária a adesão dos espaços de Memória a Remam. Atualmente estão cadastrados 29

membros. São espaços distintos como Museus, Memorial, Arquivo Histórico, Planetário, Herbário, Observatório Astronômico, acervos de pesquisa e ensino variados.

A adoção de sistemas em rede tem como objetivo fortalecer e valorizar as práticas, as ações de pesquisa, documentação, preservação e socialização do patrimônio. Considera-se que uma rede é mais do que o somatório de seus membros, pois se constitui num sistema sinérgico que potencializa o conjunto de suas ações.

Nessa perspectiva a REMAM visa incentivar e qualificar a atuação museológica, ressaltando a valorização do patrimônio da UFRGS, atuando como aglutinadora dos diferentes espaços de memória da universidade, fomentando a articulação entre os mesmos, de modo a favorecer a mediação, a parceria, o intercâmbio de informações e a formação profissional de seus membros. Tem a coordenação do Museu da UFRGS que, como procuramos demonstrar, desde sua criação em 1984 vem articulando os acervos e a memória da universidade. Entretanto, de acordo com as características de uma rede, o que se busca é a atuação integrada dos membros, sem hierarquização. Assim, as decisões são tomadas de forma democrática no Fórum REMAM, caracterizado por encontros mensais nos quais todos os membros são convidados a participar. Além disso a metodologia de organização em grupos de trabalho, busca potencializar a agilidade das ações e favorecer o caráter cooperativo.

Finalizando, entendemos que os museus, arquivos, bibliotecas, núcleos de pesquisa e demais espaços de memória, membros da REMAM, expõem e guardam em seus acervos além de artefatos materiais, os projetos, as ideias, os sonhos e as decepções de docentes, discentes e técnicos, constituindo uma parte da história da universidade e do conhecimento científico preservado para não ser esquecido, e, desta forma, gerar mais conhecimento. Como lugares memória por excelência, são também lugares de pesquisa, lazer e fruição, encontros, debates, resistências, discordâncias e aprendizagens.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e Coleções universitários:** Por que Museus de Arte na Universidade de São Paulo? Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicação e Artes da USP, 2001. Disponível em: <http://www.teses.usp.br>. Acesso em 27/06/2011.

BRUNO, Maria Cristina. (1997). Museologia e museus: princípios, problemas e métodos **Cadernos de Sociomuseologia** vol. 10. Lisboa. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/>. Acesso em 27/06/2011.

CHAGAS, Mário de Souza. Museus: antropofagia da memória e do patrimônio. In: CHAGAS, Mário de Souza (org.) **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 31.2005.

_____. **Há uma gota de sangue em cada museu:** a ótica museológica de Mario de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.

FERRAZ, Francisco. Memória de uma gestão. In: **UFRGS: 70 anos**. Org.: Carmem Regina de Oliveira,

Flavia Boni Licht. UFRGS, Porto Alegre, 2004. **Depoimento escrito publicado por ocasião das comemorações dos 70 Anos da UFRGS.**

GIL, Fernando Bragança. **Museus Universitários: sua especificidade no âmbito da museologia.** In: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7644.pdf>. Acesso em março 2015.

HERNÁNDEZ, Hernández Francisca. **Manual de la Museologia.** Madrid, Editorial Síntesis, 1994.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto:** o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

RIBEIRO, Emanuela Souza. Museus em Universidades Públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. In: **Revista Eletrônica. MUSEOLOGIA&INTERDISCIPLINARIDADE**. Vol. II, n. 4, maio junho de 2013. Acesso em 09 outubro de 2015.

RIBEIRO, Maria das Graças. Universidades, museus e o desafio da educação, valorização e preservação do patrimônio científico-cultural brasileiro. In: **Museus, coleções e patrimônios:** narrativas polifônicas. Org.: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario; SANTOS, Miriam Sepúlveda. Rio de Janeiro, Garamond, MINC – IPHAN-DEMU.2007.

ROSSI, Adriana Vitorino. Museu de Ciências Universitário: sobre espaços de divulgação, educação e produção científica. In: **Ensino Em Re-Vista**, v.20, n.1, p.2009-218, jan. /jun. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/issue/view/1016>



3º
sebra
MUS

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museus Universitários Brasileiros: novas perspectivas. Texto apresentado no **IV Encontro do Fórum Permanente de Museus Universitários e II Simpósio de Museologia na UFM “Museus Universitários – Ciência, Cultura e Promoção Social”**, realizado em Belo Horizonte – MG, no período de 24 a 28 de agosto de 2006. Disponível em <http://www.icom.org.br> acessado em 01/10/2010.